

Uma nova etapa na crise creditícia

NOVA YORK — A relutância do Fundo Monetário Internacional em desembolsar US\$ 411 milhões ao Brasil "assinala o começo de uma nova e mais perigosa etapa da crise creditícia do Terceiro Mundo", segundo a revista **Business Week**. Se o FMI conceder o empréstimo ao Brasil, "apesar de o País não ter cumprido suas promessas (de pôr em prática as medidas estipuladas pelo Fundo)", acrescenta **Business Week**, "o México, a Argentina, a Peru e outros devedores em situação igualmente desesperadora exigirão que o FMI reduza a severidade das medidas de austeridade que impôs como condição para ajudas financeiras similares".

A incapacidade dos devedores latino-americanos de alcançar suas metas financeiras significa que necessitarão de créditos adicionais de 20 a 30 bilhões de dólares este ano e de até 30 bilhões em 1984 para a sua sobrevivência, segundo especialistas citados pela revista. Caso contrário, não poderão cumprir seus compromissos relativos às dívidas.

A crise significa que os maiores bancos dos Estados Unidos (que em conjunto emprestaram 16,4 bilhões de dólares ao Brasil) não têm outra alternativa senão fazer mais empréstimos ao País. Enquanto isso, os pequenos bancos norte-americanos e os europeus estão negando-se a renovar seus créditos interbancários aos bancos comerciais brasileiros. Isso significa que os grandes bancos dos EUA terão de conceder ainda mais empréstimos.

Segundo **Business Week**, os pequenos bancos dos EUA reduziram em 600 milhões de dólares seus crédi-

tos interbancários ao Brasil, enquanto os bancos europeus estão retendo mais de 1 bilhão de dólares desses créditos, que são de prazo muito curto. Além disso, os bancos centrais também divergem sobre a forma de encarar a crise brasileira. O Banco da Inglaterra (ansioso para proteger o mercado financeiro internacional londrino, segundo a revista) está apoiando os esforços dos Estados Unidos no sentido de socorrer os devedores latino-americanos. **Business Week** acrescenta que o Brasil precisará de 3 bilhões de dólares em novos empréstimos até o final deste ano e mais 5 bilhões no próximo ano. "Fala-se cada vez mais, no Brasil da moratória, antes de novas dívidas", lembra a revista.

LUCROS

A crise dos países da América Latina já passou e se os bancos internacionais insistem em dizer que ela continua sendo grave é porque pretendem continuar aumentando seus lucros graças ao pânico, segundo a publicação londrina **Informe Latino-American**, semanário que edita o **Latin American Newsletters**.

De acordo com a publicação, os banqueiros internacionais calculam que quanto maior seja o ambiente de crise, maiores serão os seus lucros, uma vez que as taxas de juros, comissões e spreads são fixados de acordo com o risco do empréstimo. O "Informe" cita um documento elaborado pela empresa de assessoria bancária "Oppenheimer and Company", segundo a qual "não existe nenhuma razão para a crise e nem para o pânico no que se refere à situação da dívida externa na América Latina".

A publicação acrescenta que, no caso de um país devedor não conseguir pagar suas dívidas, o procedimento é muito simples: basta dirigir-se ao Fundo Monetário International e iniciar um processo de três fases solicitando ajuda financeira. Esse processo consiste em solicitar um crédito ampliado; em segundo lugar, conseguir uma prorrogação no prazo de pagamento dos empréstimos de curto prazo e do vencimento dos juros de médio e longo prazos e, por último, assegurar-se de que os bancos concederão novos créditos para cobrir o déficit do balanço de pagamentos.

"O certo — afirma a publicação — é que os banqueiros assumiram a posição de estar enfrentando uma situação de risco, pela qual devem cobrar cada vez mais e, em consequência disso, suas margens de lucros são muito grandes. O segredo dos bancos é operar nos países latino-americano com moedas locais."

PAÍS ADORMECIDO

Willian Tyler, economista do Banco Mundial, afirmou ontem, em Washington, que "o Brasil é o gigante adormecido da América Latina por causa de sua riqueza e pobreza simultâneas". A afirmação consta de estudos patrocinado pelo **American Enterprise Institute**, Centro Independente de Pesquisas e Análises, de Tendência Conservadora.

Tyler assegura no estudo que "o Brasil é, de fato, rico e pobre, e, paradoxalmente, nem desenvolvido, nem subdesenvolvido. É uma mescla incômoda e problemática de ambos".